

## As pressões do cotidiano

As cenas sobre o metrô do Rio que vieram à tona no noticiário desta semana, fizeram-me olhar duas vezes para o céu. Na primeira vez, olhei para o alto e simplesmente agradei. Na segunda olhada, fui inquiridor e perguntei: como é que pode? É certo que a vida e o mundo nos exigem cada vez mais esforço nos dias atuais, mas, ser espremido e açoitado diariamente na simples tarefa do ir e vir, já é demais. Como tomo meu carro no sub-solo do prédio e enfrento um pequeno engarrafamento até o trabalho, ouvindo música e no ar condicionado, não resisti e agradei aos céus por tamanha benesse. Isso explica a primeira olhada para o céu. Difícil mesmo é inquirir e, ao mesmo tempo, encontrar uma explicação para o fato de que existem pessoas que, na simples tarefa de se deslocarem, pagam duplamente, pelo preço da passagem e pelo descaso das autoridades que utilizam de forma ineficiente os recursos dos impostos que arrecadam.

É motivo de revolta, é aviltante, ver aquelas cenas dos funcionários de uma empresa terceirizada açoitando os seus próprios clientes. Sim, é isso, são os usuários do metrô que pagam os salários dos “açoitadores” e seus chefes não são os proprietários da empresa – a Super Via - e sim o cidadão que paga os impostos e a passagem. Numa lógica simples, deduz-se que: os usuários do metrô do Rio pagam para apanhar.

A terceirização dos serviços de primeira necessidade, colocam o governo no papel de órgão fiscalizador, um papel onde o seu desempenho, na maioria das vezes, é pífio, principalmente quando o contrato de concessão não permite ações mais duras contra a concessionária. Se contém erros de elaboração, se existe um monopólio nos serviços prestados, a conta irá sobrar sempre para o usuário dos serviços. Será este o caso dos usuários do metrô do Rio? Provavelmente, pois afinal não deve constar neste contrato de concessão que os usuários deverão ser açoitados para que os trens sigam o seu itinerário com as portas dos vagões fechadas. As cenas mostradas na televisão também explicam, pelo menos parcialmente, como foi que surgiram os “surfistas de trem”. Afinal, onde se localiza o maior risco, em cima ou dentro do metrô? Com a palavra as autoridades.

A vida urbana espreme, transborda com lágrima nos olhos, é torna quase impossível a tarefa de ser feliz.

Sérgio Peixoto Mendes, filósofo.

Contato: [autor@sucatinhas.com.br](mailto:autor@sucatinhas.com.br)

POA - RS